

JOÃO DA ROCHA: UM DESCONHECIDO VIANENSE

João Loureiro da Rocha Barbosa e Vasconcelos nasceu a 17 de Abril de 1868, em Viana do Castelo, na Rua da Bandeira, n.º 86, e faleceu em Lisboa, no 1.º andar da Rua de Santo António dos Capuchos, n.º 80, a 1 de Fevereiro de 1921. Fez o curso do Colégio Militar, concluiu o curso de Matemática e Filosofia na Universidade de Coimbra para a carreira militar e frequentou a Escola do Exército, sendo promovido a alferes a 12 de Dezembro de 1896, passando posteriormente à reserva¹.

Entre os anos de 1898 a 1906, foi professor em Barcelos. Nesse ano, fixou residência na quinta da Pedreira, nos subúrbios de Viana do Castelo². Toma posse no dia 18 de Outubro de 1909, tendo leccionado nos anos seguintes como professor provisório de Francês, dos 3.º e 6.º grupos e de Ginástica, no Liceu Nacional de Viana do Castelo³. Em 1907, integra o grupo fundador da Liga de Instrução de Viana do Castelo.

Nesta cidade, após a proclamação da República, foi nomeado Presidente das Oficinas de S. José e integrou a Comissão Distrital do Partido Republicano. Após a sua filiação no Partido Evolucionista, foi, em 1916, nomeado chefe de Gabinete de António José de Almeida quando este era Presidente do Ministério e, em 1919, seu secretário particular, quando ocupava o cargo de Presidente da República. Desempenhou ainda os cargos de Presidente da comissão concelhia de administração dos bens eclesiásticos⁴ e de deputado eleito pelo Círculo n.º 1 (Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova da Cerveira, Valença e Monção), na legislatura de 1919⁵. Em Lisboa foi redactor do jornal *A República* e Administrador da Companhia do Niassa.



João da Rocha, Filgueira 1915.

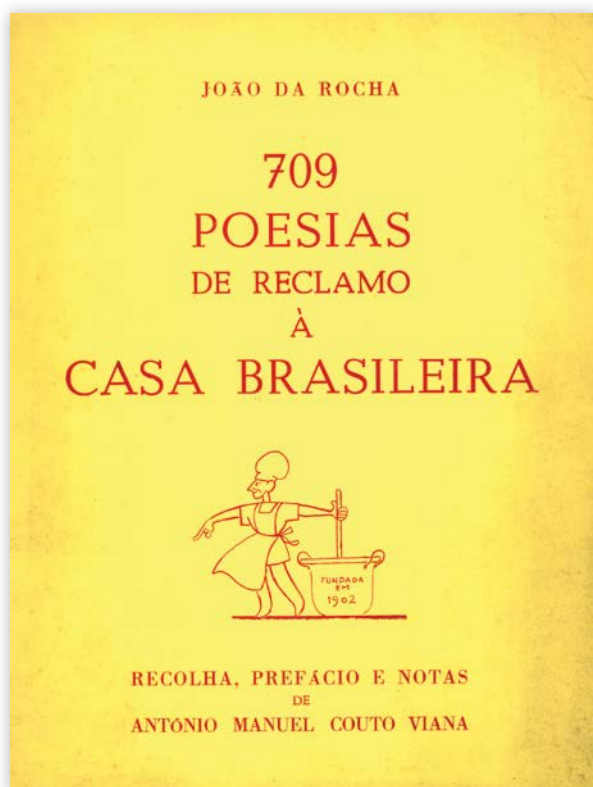
¹ Número Especial *Notícias de Viana* de 18 de Agosto de 1930.

² *A Aurora do Lima* n.º 7539 de 28/3/1906 e n.º 7555 de 9/5/1906.

³ *O Primeiro Centenário do Liceu Nacional de Viana do Castelo* (1961). Viana do Castelo.

⁴ *Folha de Viana* n.º 77 de 27/4/1912.

⁵ *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, pp. 35.



De entre as suas obras, podemos destacar *A Guerra Peninsular*, com ilustrações de Álvaro Viana de Lemos, editado pela Liga de Instrução de Viana do Castelo, em 19 de Junho de 1908; *Homens e Árvores*, de 1908, discurso proferido em 25 de Outubro desse ano, na Avenida de Camões, em Viana do Castelo, durante a Festa da Árvore, edição oferecida à Liga de Instrução de Viana do Castelo e o livro de poesia *Canções Portuguesas Para as Escolas*, concluído em Agosto de 1908, poesias essas escritas de 18 de Junho a 21 de Julho (Viana, 1980, 129). Publicou ainda o livro de poemas *Nossa Senhora do Lar*, em prosa, *Memórias de um Médium* e *Angústias*, e diversos livros de temática histórica: *Portugal e as invasões francesas*; *A Lenda Infantista*; *O descobrimento da Terra Alta (1416-1916)*; *5º Centenário da Abertura do Caminho Marítimo da Europa à Índia (1416-1916)*; *A nossa terra e a nossa gente*.

Deixou muitos textos e poesias dispersas por jornais e revistas. Como exemplo, assinala-se a publicação em 1977, do livro *709 Poesias de Reclamo à Casa Brasileira*, com recolha, prefácio e notas do escritor vianense António Manuel Couto Viana, das centenas de quadras e sonetos publicados por João da Rocha no periódico *Folha de Viana*, entre Janeiro de 1912 e Dezembro de 1915.

Fundou e dirigiu o jornal republicano *Folha de Viana* (1911-1916), a revista *Límia* (1910-1911) e o *Boletim da Liga de Instrução de Viana do Castelo* (1909-1911). Colaborou, entre outras publicações, no decano dos jornais vianenses *A Aurora do Lima*, no republicano *O Povo*, nas revistas vianenses *Myosótis* e *Lusa* e na *Revista de Hoje* dirigida pelos escritores Raul e Júlio Brandão.

COMO FOI VISTO POR QUEM O CONHECEU

A revista *Portucale*, no volume II, n.º 8 de Março-Abril de 1929, dedica grande parte deste número a uma homenagem a João da Rocha⁶, onde, logo a abrir, pode ler-se:

“Portucale recorda João da Rocha, o literato e erudito ignorado de quási tôda a gente; retira-o do esquecimento, revela-o pela pena de escritores que o conheceram, que o admiraram, - os que melhor podem concorrer para que fique nitidamente traçado o seu perfil de homem de letras e de ciência, com saudade e justiça”.

Um dos autores que colaboraram nesta publicação foi Álvaro Viana de Lemos que, no seu artigo *João da Rocha, Educador*, refere a fundação da Liga de Instrução de Viana do Castelo recordando que o nome de João da Rocha foi logo lembrado para dela fazer parte. Enquanto secretário da Liga, e durante o ano em que privou com João da Rocha, em Viana do Castelo, destaca que, apesar de ele ser um democrata, “fugia ao tumulto mundano de paixões e vaidades, e isolava-se para estudar e pensar, vivendo quase ignorado dos seus concidadãos” (Lemos, 1929, 79). Sobre a sua entrega à causa da educação dá-nos uma nova achega, sobre este vianense:

“Para os pequenos e para a instrução, João da Rocha não deu, depois, simplesmente o concurso do seu esforço. À sua bolsa deveu também a Oficina de S. José. De Viana, mais alguns tempos de existência, - quando as pessoas, que até então eram *caridosas*, deixaram de o ser por *snobismo* anti-republicano e retiraram os subsídios à Oficina, determinando por fim o seu encerramento” (Lemos, 1929, 81).

Outro dos seus amigos que colaborou neste número de homenagem foi o grande escritor Raul Brandão⁷ que, num pequeno texto a que muito justamente intitulou *Um homem modesto*, dá um retrato expressivo que muito bem o define:

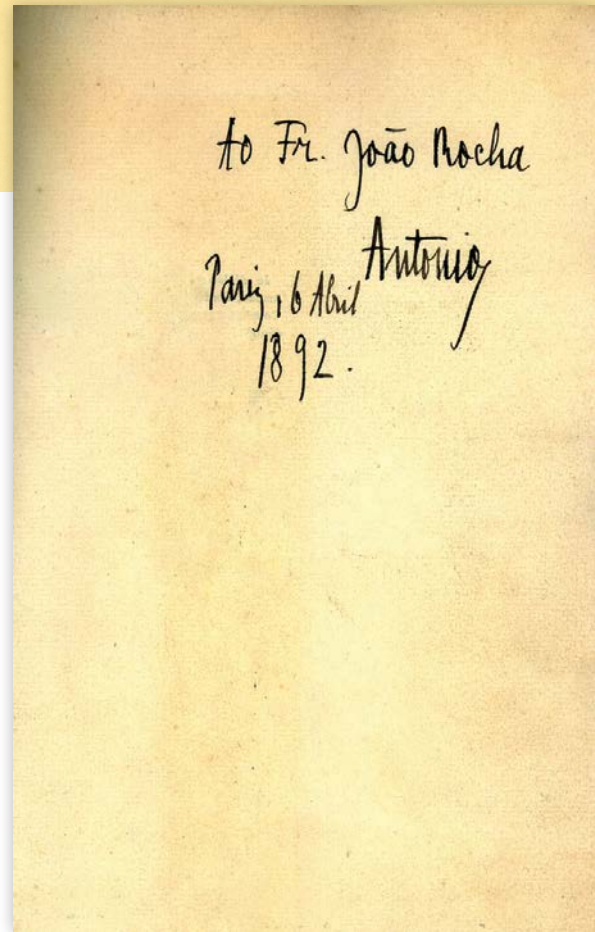
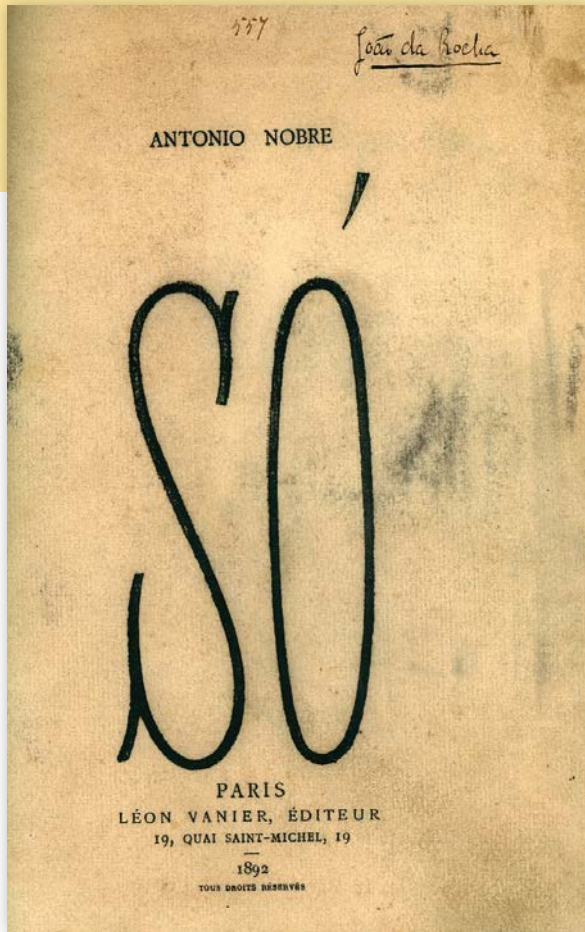
“Tenho diante de mim a figura desse homem modesto e apagado (...) que os seus amigos conheciam por *Frei*. Tenho-o diante de mim, já um pouco obeso ao fim da vida, e interrogo-o: -De que te serviu viveres numa existência de estudo e de trabalho? Desapareceste quase sem ninguém dar por ti. Sabias tudo- e ignorates o principal. Triunfaram e exibiram-se os que não valiam o pó dos teus sapatos, e tu recolhestes à sombra dos livros para magicares num sonho inútil. Foste um homem modesto, o que é um erro que se paga muito caro. Quem sabe, sabe; quem pode, pode, e é assim uma tolice deixar os outros subirem e mostrarem-se, passando-nos adiante quando o lugar nos pertence. Mais tarde injuriam-nos ou escarnecem-nos. Aquele tatibitátis, de que nos ríamos, é hoje embaixador, e aquele pobre diabo tão desdenhado no nosso grupo- lembraste?- um político ilustre. Porquê? Porque se atreveram. Porque não tiveram escrúpulos. Aí tens. -Sim, dirás, mas resta-nos o outro mundo. É uma compensação. - Eu creio, porém, que isto continua no outro mundo, porque a lei é a mesma. Lutar e vencer. Se não te convenceres disto, até lá, sempre com o teu fatinho preto no fio, hás-de fazer sorrir os mortos, como fizeste sorrir os vivos” (Brandão, 1929, 92).

Noutro texto, com o título de *João da Rocha na Política*, Rodrigo Fontinha escreve sobre esta outra faceta da sua vida:

“João da Rocha, que foi principalmente um poeta, um historiador e um conferencista, trouxe para a política toda a soma de idealismos, de que aquela alma magnânima estava cheia. Republicano desde muito, alistou-se no partido evolucionista, logo após a sua organização, e à divulgação das doutrinas exaradas em seu programa, consagrou o melhor da sua inteligência e o mais acendrado dos seus esforços. Não pertencia ao número dos políticos vulgares, que tudo subordinam às conveniências de corrilho e aos interesses individuais (...). Foi um orador de propaganda acérrima, mas sempre correcta(...). A sua palavra, quer falando quer escrevendo, era sempre brilhante e eloquente(...). Foi por isso que por duas ou três vezes foi apresentada a sua candidatura às cortes, embora contra sua vontade, triunfando apenas uma vez, em que foi eleito deputado(...). Vários foram os

⁶ Deste número foi feita uma separata intitulada, *João da Rocha: in memoriam*.

⁷ No volume II, das *Memórias* refere os problemas que João da Rocha teve no exército.

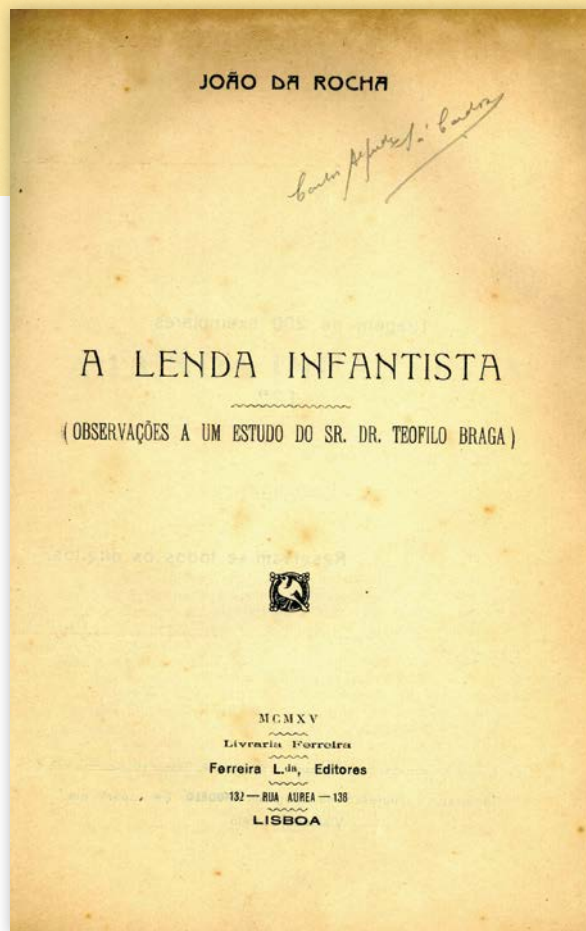
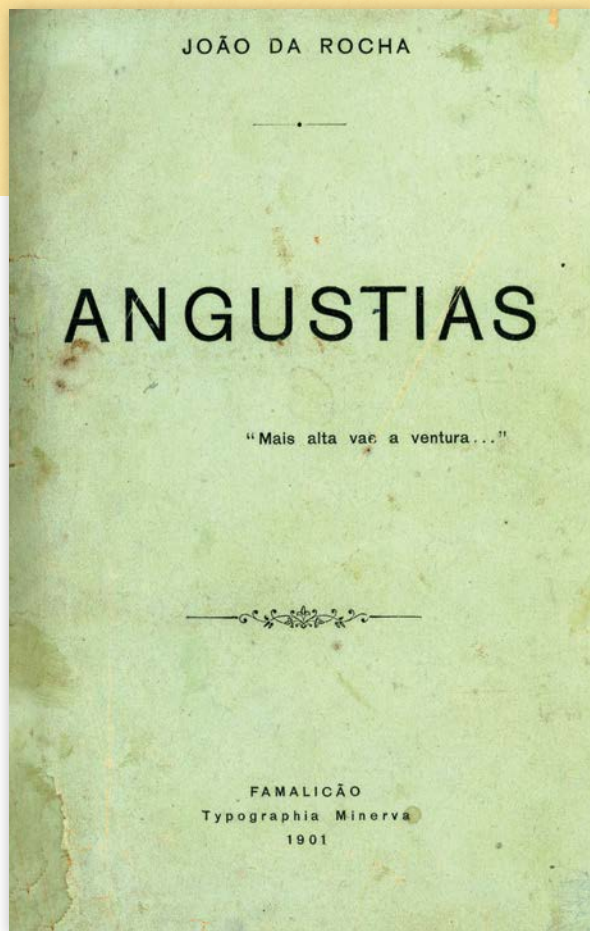


cargos políticos que desempenhou (...). Foi governador civil substituto do distrito de Viana do Castelo; vogal da Comissão Distrital, logo após a implantação da República, voltando a ser vogal da Junta Geral do distrito, por eleição, no primeiro acto eleitoral que se realizou na vigência republicana; presidente da Comissão Concelhia dos Bens eclesiásticos; e também por imposição política, director da Oficina de S. José, no desempenho de cujas funções revelou invulgares qualidades de educador. Foi depois, em Lisboa, chefe do gabinete da Presidência do Ministério António José de Almeida (1916). Porém, o cargo em que o seu valor político mais se evidenciou - depois da sua morte prematura - foi o de secretário particular da Presidência da República, então ocupada pelo eminente e impoluto cidadão Dr António José de Almeida. Após esse trágico acontecimento, ouvi eu a este austero e incorruptível republicano dizer, com os olhos marejados de lágrimas, que lhe desaparecera o seu mais dedicado, mais inteligente e mais leal cooperador" (Fontinha, 1929, 113-115).

No Instituto Histórico do Minho, em sessão extraordinária de 28 de Dezembro de 1921, António Ferreira

leu um longo texto que foi dado à estampa com o título de *Elogio Académico de João da Rocha*. Ao referir-se à sua faceta como conferente, começa por dizer que ele "tinha a palavra fácil", para de seguida afirmar "sem saber falar aos nervos da multidão, sabia contudo falar ao cérebro das elites(...) a sua voz passaria despercebida no tumulto do comício escutar-se-ia com agrado na serenidade da conferência" (Ferreira, 1921, 41-42). Reafirma que durante a sua vida a sua intervenção cívica se diversificou, apesar do desconhecimento generalizado:

"Morreu quasi como um desconhecido do seu país(....) Ele foi poeta e contista, professor e conferente, jornalista e crítico, erudito e bibliófilo. (...)avulta na sua organização de intelectual, o profundo conhecedor da nossa historiografia marítima(...)Ele era uma inteligência familiarizada em muitas esferas do saber humano. Mas deixou-nos apenas uma obra fragmentária e infelizmente dispersa. Maior talvez que a publicada a manuscrita e inédita. Deixou-nos poucos livros(...) Ele era um inimigo declarado da notoriedade" (Ferreira, 1921, 19-20).



Muitos dos seus trabalhos não foram publicados devido a vicissitudes várias. Podemos assinalar, o caso em que a “redacção da *Folha de Viana*, de que o ilustre morto foi director, ardeu, por ocasião dos tumultos monárquicos de 1919, um seu livro de poesias, juntamente com outros valiosos papéis da sua autoria sobre magnetismo, hermetismo, psicométrica, e ciências ocultas” (Ferreira, 1921, 28). Não obstante essas e outras dificuldades sentidas, de entre os seus trabalhos publicados destacaremos:

“Três preciosos discursos ele nos deixou (...) *Homens e Árvores, Portugal e as Invasões Franceses, A nossa Terra e a nossa Gente*. O primeiro foi proferido no dia 25 de Outubro de 1908, na Avenida Luís de Camões, desta cidade, por ocasião da festa da Árvore, devida à iniciativa da Liga de Instrução de que ele era presidente (...) Quem ler a sua conferência *Portugal e as Invasões Franceses*, proferida em Caminha numa solenidade comemorativa do primeiro centenário dessas calamitosas invasões, vê logo que João da Rocha conhecia como poucos o modo de formação do povo português e o mecanismo da história nacional (...) o mais interessante pela cultura que denota (...) foi o que

ele proferiu sob o título *A nossa Terra e a nossa Gente*. (...) é uma notável conferência, pronunciada no centro republicano evolucionista do primeiro bairro, da capital, em 6 de Julho de 1916. Não se julgue entretanto que se trata dum discurso de política partidária. Trata-se, como o próprio título indica, duma conferência de educação nacional” (Ferreira, 1921, 42-47).

Não podemos também deixar de referir os vários trabalhos sobre a expansão portuguesa de quinhentos, que publicou:

“Há uma feição interessante na inteligência de João da Rocha que, julgo, sobreleva todas as outras: a de comentarista dos descobrimentos marítimos dos portugueses como anotador de velhas crónicas. O melhor e mais proveitoso da sua pena de escritor está certamente nos seus estudos sobre as nossas descobertas. Nesses estudos em que há raciocínios e conclusões suas, João da Rocha, com fervor patriótico, erudito engenho e verdadeiro rigor crítico, soube fazer a triangulação do seu belo espírito. Meticuloso investigador da nossa historiografia marítima” (Ferreira, 1921, 51).

Em Outubro de 1908, João da Rocha profere o discurso que deu origem ao livro *Homens e Árvores*. Esta obra “insere-se nas linhas de força dos coevos movimentos de educação cívica, com inspiração republicana mais ou menos marcada, e apresenta, por isso mesmo, muitos pontos de contacto com a obra que então entusiasma o nosso escritor- justamente as *Canções portuguesas para as escolas*”. (Rocha, 1980, 29).

Gostava muito de música, sendo “um apreciável interprete musical amador”, tocando piano e cítara para os filhos e além de que “amava devotar-se à promoção educacional dos compatriotas”. Não admira portanto que, quando em 1907 o compositor Hernani Torres procura um “poeta que com ele coopere na elaboração de um livro de música e canto para as escolas primárias de Portugal, logo haja ocorrido a um amigo de João da Rocha indicá-lo para essa missão- não apenas por o ter na conta de escritor de subido valor, mas principalmente por o saber entusiasta por aqueles assuntos” (Rocha, 1980, 43-45). É deste encontro que vão surgir as *Canções portuguesas para as escolas*. Passados uns meses, compõe a letra do hino da Escola Domingos José de Moraes, estabelecimento de ensino vianense.

Na *Folha de Viana*, entre 1911 e 1916, João da Rocha escreveu inúmeros textos sobre os mais diversos temas “embora privilegiando a prespectivação política de problemas da actualidade regional e nacional, dada a ligação do jornal às instâncias locais do Partido Evolucionista” (Rocha, 1980, 33). No mesmo trissemanário deu a conhecer “uma das mais pujantes facetas da sua actividade intelectual: a de componente estudioso das primeiras fases dos Descobrimientos portugueses e de certo crítico da historiografia até à altura consagrada a figuras, factos e problemas daquele período da vida nacional” (Rocha, 1980, 34).

Foi amigo de António Nobre e, quando este morreu, “foi ao Porto de propósito para tomar parte no enterro” (Ferreira, 1921, 33). No primeiro volume das *Memórias*, Raul Brandão menciona que junto ao túmulo de António Nobre estariam, quando muito, uma meia dúzia de amigos, entre eles João da Rocha. Conheceram-se em Coimbra onde era *O Frei*, assim conhecido “pela veneração que a todos inspirava o seu

amor pelo estudo, a sua queda para investigações históricas, a sua gravidade quase monástica e um singular misticismo mais científico do que religioso” (Ferreira, 1921, 33).

Logo após a sua morte em Lisboa, constituiu-se em Viana, para onde os seus restos mortais foram trasladados, uma comissão de homenagem presidida por António A. Segismundo Álvares Pereira⁸. Por portaria publicada no Diário do Governo, em 1921, a escola Primária Superior de Viana do Castelo passou a denominar-se Escola Primária Superior de João da Rocha. Uma outra homenagem foi-lhe prestada a 28 de Dezembro desse ano, pelo Instituto Histórico do Minho, que constou de uma sessão pública, onde foi feito o elogio do homenageado pelo Dr. António Ferreira. Nesta ocasião, a assistência foi diminuta, ao contrário da sessão solene comemorativa da passagem do 1º aniversário da sua morte, no dia 1 de Fevereiro de 1922, no Teatro Sá de Miranda, por iniciativa da Escola Primária Superior de João da Rocha, em que o “amplo teatro se encheu completamente, à cunha, vendo-se entre a assistência o que em Viana do Castelo há de mais distinto e representativo” (Basto, 1922a, 5).

Claúdio Basto, no dia seguinte à morte de João da Rocha, escreveu sobre o amigo:

“Passou nesta vida como um desconhecido, como um ignorado. Passou obscuramente, encolhido na sua modéstia (...) apenas conhecido numa roda escassa de amigos e adoradores, entre os quais se encontram dos espíritos mais altos e mais cotados da terra portuguesa (...) em João da Rocha se fundiram um grande poeta, um grande prosador, um grande erudito, um grande crítico, um grande orador (...) cientista e literato reluzem os dons de jornalista como poucos, de professor como poucos, e, sobre isso, de orador de amplos voos eloquentes, o que é raro, e de substanciais ideias inspiradas, o que é raríssimo (...) João da Rocha foi ainda um homem de bem” (Basto, 1922b, 170-176).

⁸A *União* n.º 159 de 27/2/1921.

Em Janeiro/Fevereiro de 1919, a sede do Centro Evolucionista, partido político a que pertenciam Cláudio Basto, Rodrigo Fontinha, Manuel Pires Gil, João da Rocha, entre outros, instalada no 1º andar do prédio onde funcionava *A Aurora do Lima*, na rua da Picota, foi invadida e roubada pelo “povo amotinado”. Dois caixotes com manuscritos e livros que pertenciam a João da Rocha, ali guardados pelo padre Fontinha e por Cláudio Basto, foram atirados à rua e muitos deles queimados. Depois da sua morte, nas casas em que residiu, “Abel Viana, num monte de entulho, encontrou algumas cartas e rascunhos pertencentes a João da Rocha, que fora seu professor no liceu de Viana e seu amigo. Guardou tudo religiosamente (...) A biblioteca do escritor, com algumas obras truncadas por inépcia de um herdeiro, foi adquirida pela Câmara Municipal de Viana, sobretudo por insistência de Tomás Simões Viana, não sem relutância do vereador José Fernandes Malheiro”⁹.

COMO FUNDADOR DA LIGA DE INSTRUÇÃO DE VIANA DO CASTELO

No início do século XX, quando o analfabetismo continuava a ser uma vergonha para Portugal, foi constituída em Viana do Castelo uma associação com a designação de Liga de Instrução em Viana do Castelo¹⁰, fundada por 17 sócios, do sexo masculino, sendo alguns deles figuras relevantes da cidade. Os estatutos foram publicados em 1907, propondo-se combater o analfabetismo, difundir a educação e a instrução popular no distrito, fundando nas sedes dos concelhos núcleos de instrução, como forma de promover o ensino primário para adultos e crianças. A Liga vianense editou um *Boletim* de que saíram 10 números entre Junho de 1909 e Fevereiro de 1911. Apresentava objectivos coincidentes com os da Liga Nacional de Instrução, criada em 1907, pela Maçonaria. A. H. de Oliveira Marques refere que a Liga Nacional de Instrução tinha sede em Lisboa, mas criara núcleos em outras

idades, caso de Viana do Castelo, por iniciativa da loja *Fraternidade* (Marques, 1986, 875). Assim, na origem da Liga de Instrução de Viana do Castelo deverá estar a Maçonaria e, mais concretamente os irmãos, ou alguns deles, pertencentes à loja *Fraternidade*.

A Liga teve existência legal no dia 17 de Novembro de 1907 e os fins que se propunha realizar eram expressos no artigo primeiro dos estatutos, nestes termos: “Promover por todos os meios ao seu alcance, a difusão da instrução popular no distrito de Viana do Castelo, de sorte que desapareça ou se atenuie, tanto quanto possível, o terrível cancro do Analfabetismo”. E no artigo segundo: “Procurar formar cidadãos prestimosos, instruindo-os, educando-os, cuidando do seu desenvolvimento physico e encaminhando lhes as suas aptidões individuaes”.

João da Rocha colaborou com a Liga no lançamento das bases para a fundação de núcleos de instrução, caso de Valença¹¹ e Paredes de Coura, onde também fez uma conferência¹². A Liga também promoveu a fundação de uma *caixa económica escolar* junto das escolas primárias oficiais de cada freguesia do concelho de Viana do Castelo e nos outros concelhos onde não houvesse *núcleos de instrução*. Em Monção e Melgaço, João da Rocha esteve na inauguração das caixas escolares daqueles concelhos¹³. Outro desiderato da Liga era a realização de conferências públicas sobre assuntos de instrução e educação, realizadas muitas vezes pelos seus membros. Pelos estatutos as festas escolares realizar-se-iam por ocasião da instalação de qualquer *caixa económica escolar* e, anualmente, no dia que o Governo determinasse oficialmente para a distribuição de prémios e também para a comemoração da Festa da Árvore. Nestas festas, a Liga fazia-se representar pelo maior número de sócios e estavam presentes diversos convidados e autoridades civis e militares. Na maior parte dessas festas João da Rocha discursava.

Como um dos 17 sócios fundadores da Liga, foi um dos seus mais valiosos elementos, a par de ter sido o seu orador oficial. Álvaro Viana de Lemos, também ele um dos fundadores, dá-nos uma visão de João da Rocha e da sua importância na Liga:

⁹ Límica nº 32 in *Aurora do Lima* de 31/7/1985.

¹⁰ Nos Estatutos surge com a designação de *Liga de Instrução em Viana do Castelo*, mas posteriormente na maioria das referências aparece como *Liga de Instrução de Viana do Castelo*, designação que adaptaremos ao longo deste trabalho, ou na sua forma abreviada de *Liga*.

¹¹ *Aurora do Lima* nº 7812 de 28/2/1908 e nº 7813 de 2/3/1908.

¹² *Vida Nova* nº 2501 de 18/3/1908 e nº 2503 de 23/3/1908.

¹³ *Aurora do Lima* nº 7823 de 30/3/1908.

“Como sempre se esquivava a tôda a situação de destaque, quando aparecia em público a falar, era uma revelação para muitos. A Liga, promovendo festas e sessões públicas, arrastou-o para uma actividade mais visível, e ficaram célebres os discursos que proferiu por ocasião de uma festa de crianças em Viana e da comemoração da Guerra Peninsular em Caminha. Estes discursos foram impressos por iniciativa da Liga; mas quantos mimos oratórios seus se perderam!” (Lemos, 1929, 80-81).

João da Rocha foi também o autor de uma representação enviada pela Liga ao Parlamento, “expondo o estado da instrução neste distrito e lembrando algumas providências que seria útil pôr em prática”¹⁴, publicadas no jornal *A Aurora do Lima*¹⁵.

Aquando da realização, em 25 de Outubro de 1908, em Viana do Castelo, da Festa da Árvore, promovida pela Liga no dia da realização da festa oficial das escolas do concelho, a imprensa local noticiava que a festa escolar fora “brilhantíssima, deveras atraente e sugestiva”. O cortejo, formado por mais de 1500 crianças¹⁶ das diversas escolas oficiais do concelho, desfilou até à Avenida Camões, ao som do hino nacional tocado pela banda de infantaria 3, empunhando muitas crianças pequenas bandeiras. As palavras proferidas por João da Rocha, nesta ocasião são deveras importantes para não serem esquecidas quando se aborda este tema. Depois da saudação à bandeira, agradeceu em nome da Liga, “às pessoas e corporações presentes, o que de mais distinto havia em Viana” discursando, em seguida. A sua comunicação teve duas partes: a primeira dirigida aos adultos e a segunda às crianças, terminando com um viva a Portugal. A sua palestra, editada pela Liga, teve uma edição completa para venda e uma edição da segunda parte, dedicada às crianças, para ser distribuída pelas escolas¹⁷. Foi publicada com o título, *Homens e Árvores*, estando logo em Dezembro, à venda na Casa Havaneza e na Livraria Preza, sendo impressa na tipografia de André J. Pereira e Filho e revertendo

o produto da venda em benefício dos fins altruístas da Liga. *O Século* escrevia que “este opúsculo encerra a mais interessante das consagrações do culto da árvore”¹⁸ e em *O Primeiro de Janeiro* João de Barros também lhe consagra um artigo da sua autoria¹⁹.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos com este texto²⁰ dar a conhecer e, ao mesmo tempo, tentar despertar o interesse a outros portugueses para que conheçam este ignorado vianense, que as suas obras publicadas, ou os textos dispersos pelas diversas publicações em que colaborou, sejam objecto de divulgação de modo a atingir um público mais vasto. É com este mesmo propósito que incluímos nas referências bibliográficas diversos títulos publicados da autoria de João da Rocha.

António José Barroso

¹⁴ *O Povo* n.º1 de 7/6/1908.

¹⁵ *A Aurora do Lima* n.º 7865 de 20/7/1908, n.º 7866 de 22/7/1908, n.º 7867 de 24/7/1908, n.º 7868 de 27/7/1908 e n.º 7869 de 29/7/1908.

¹⁶ Para o *Vida Nova* e *O Povo*, tomaram parte no cortejo mais de 1500 crianças e 2000 para *A Aurora do Lima*.

¹⁷ *A Aurora do Lima* n.º 7906 de 26/10/1908, *Vida Nova* n.º 2588 de 26/10/1908 e *O Povo* n.º 40 de 29/10/1908.

¹⁸ *A Aurora do Lima* n.º 7923 de 7/12/1908, *O Povo* n.º51 de 6/12/1908 e n.º52 de 10/12/1908.

¹⁹ *A Aurora do Lima* n.º 8014 de 11/8/1909 e n.º 8015 de 13/8/1909.

²⁰ Este texto foi a base da comunicação (não publicada), com o mesmo título, proferida no Seminário *O Imperativo Republicano em Debate*, que decorreu no dia 8 de Maio de 2010, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTO, C. (1922a). *O chamado "Instituto histórico do Minho"*. Viana do Castelo: Lusa
- Basto, C. (1922b). *Flores do frio*. Viana do Castelo: Lusa
- Basto, C. (1929). João da Rocha (apontamentos bio-bibliográficos). *Portucale*, II, (8), 164-184.
- Brandão, R. (1929). Um homem modesto, *Portucale*, II, (8), 92.
- Ferreira, A. (1921). *Elogio Académico de João da Rocha*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- Fontinha, R. (1929). João da Rocha na política. *Portucale*, II, (8), 113-116.
- Lemos, Á.V. (1929). João da Rocha, Educador. *Portucale*, II, (8), 79-81.
- Marques, A. H. de O. (1986). *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Editorial Delta
- Rocha, J. da (1900). *Nossa Senhora do Lar*. Famalicão: Tipografia Minerva.
- Rocha, J. da (1900). *Memórias de um «Medium»*. Porto: Livraria Nacional e Estrangeira.
- Rocha, J. da (1901). *Angustias*. Famalicão: Tipografia Minerva.
- Rocha, J. da (1908). *Homens e Árvores*. Viana: Tipografia de André J. Pereira & Filho.
- Rocha, J. da (1909). *Portugal e as invasões francesas*. Viana: Tipografia de André J. Pereira & Filho.
- Rocha, J. da (1915). *A Lenda de Sagres*. Viana: Tipografia de André J. Pereira & Filho, Sucessor.
- Rocha, J. da (1915). *A Lenda Infantista*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- Rocha, J. da (1916). *5º Centenário da Abertura do Caminho marítimo da Europa à Índia - 1416-1916*. Viana do Castelo: Tipografia de José de Sousa.
- Rocha, J. da (1916). *O Descobrimento da Terra-Alta - (1416-1916)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Rocha, J. da (1917). *A nossa Terra e a nossa Gente*. Lisboa: Tipografia Moderna.
- Rocha, J. da (1944). *Duas epístolas*. Porto: Imprensa Moderna.
- Rocha, J. da (1977). *709 Poesias de Reclamo à Casa Brasileira*. Viana do Castelo.
- Rocha, J. da (1980). *Canções Portuguesas para as Escolas*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português.
- Viana, A. M. C. (1980). *As (e)voações literárias*. Lisboa.
- Viana, A. M. C. (2003). *Poetas minhotos, poetas do Minho*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- Vvaa. (1929). *João da Rocha - in memoriam*. Porto: Portucale.
- Vvaa. (1929). Homenagem a João da Rocha. *Portucale*, II, (8), 65-184.
-